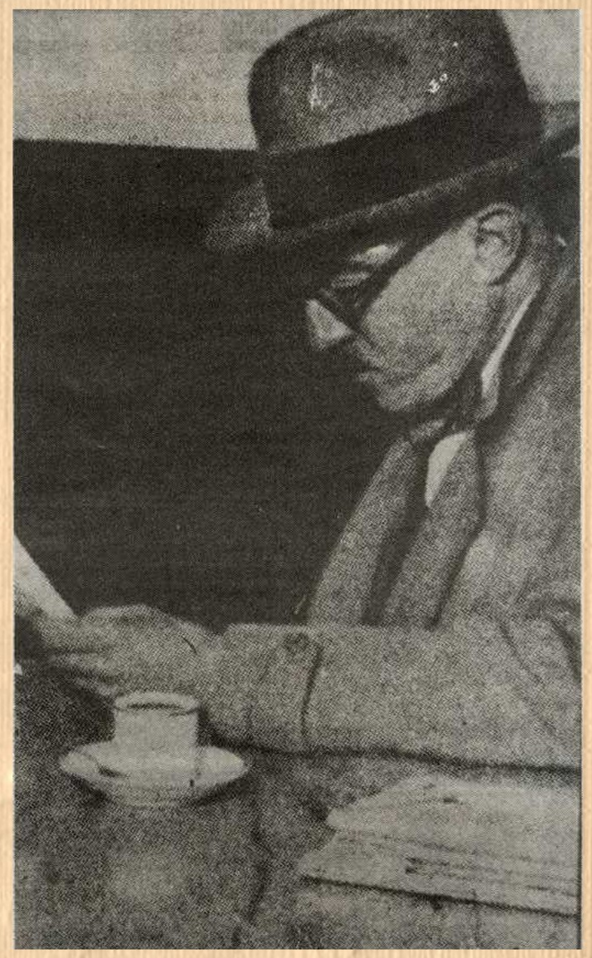
NOS 100 ANOS DO NASCIMENTO (1988)

Phalam-se os poetas de um século. O pretexto deste **encontro** é Pessoa e Pascoaes. O **JL** foi indagar às raízes deste projecto «megalómano» e achou-se no vórtice do

Desassossego dos poetas

António Cabrita



Lia-se há uns meses em quase todos os jornais: em Mephis, EUA, levara-se a cabo uma bizarra comemoração sobre os cinquenta anos da mumificação de um negro, afogado numas cheias locais, e que uma casa mortuária local exibia numa vitrine, como bibelot, ao lado de santinhos, velas e crucifixos diversos. Curiosamente a múmia tinha sobrevivido ao seu «autor», o cangalheiro, cujo coração capotara dois anos antes de a cidade reconhecer a sua obra. E garantia a esposa, fiel depositária da herança, apontando o mumificado: «ele foi a razão de viver do meu marido».

Serve o **fait-divers** para nos congratularmos com o facto de afinal não sermos o único povo que se deleita com a necrologia; o que acarreta muita cinza e muita cal viva sobre a vala dos que insistem em pestanejar. À atenção dos prevaricadores: o problema não está em se fazer o que é justo, e comemorar Pessoa não é só justo como necessário. O problema reside no álibi que isso «oculta». Victor Hugo foi uma lenda viva no seu país. Em Portugal isso seria impossível, e bastam-nos os exemplos de Camões, Bocage, Antero, Gomes Leal, as indigências do secundário mas genuíno Raul de Carvalho e do genial Luís Pacheco; tal como o exílio «voluntário» de Jorge de Sena. Ou se quisermos, e ainda, o marasmo da oficialidade que nem sabe «como pegar» em casos sérios da nossa cultura como a esquecida Irene Lisboa ou a indelével Luísa Neto Jorge (que depois de Quintela talvez seja quem mais e melhores serviços tem prestado à cultura portuguesa).

JORNAL DE LETRAS
28/06/1988